

MESÓCLISE: O USO E DESUSO DESSA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Rosilene Carvalho Penha¹²

Mirian Lúcia Brandão Mendes³

Resumo:

O principal objetivo deste artigo é discutir sobre a dificuldade que brasileiros possuem em aprender a gramática tradicional (GT), precisamente no que tange ao ensino da colocação pronominal mesoclítica. Mesóclise é um tipo de colocação pronominal pouco utilizada nas produções textuais em geral, sendo mais reservada para obras literárias clássicas ou discursos com tom bastante formal. O uso da mesóclise é restrito a apenas aos tempos verbais do modo indicativo, que são o futuro do presente e o futuro do pretérito. Em nenhum outro tempo ou modo ela poderá ser aplicada. Em razão dessas particularidades, o uso da mesóclise é mais indicado para construções muito formais ou textos literários com linguagem rebuscada. Como recurso metodológico, optou-se pela pesquisa bibliográfica de livros, gramáticas e artigos de pesquisadores também interessados na temática em questão. Com o intuito de elucidar a discussão, serão trazidos exemplos da mesóclise em uso encontrados em textos literários do escritor Graciliano Ramos e nos discursos dos ex-presidentes do Brasil Jânio Quadros e Michel Temer, quando ainda eram mandatários da nação. A conclusão do trabalho aponta para o fato de que o processo comunicativo dos usuários da língua não ficará prejudicado pelo desconhecimento das regras da colocação pronominal mesoclítica, uma vez que ela já é considerada um rebuscamento dispensável na linguagem.

Palavras chave:

Língua. Linguagem. Colocação pronominal. Gramática tradicional.

MESÓCLISE: THE USE AND DISUSE OF THIS PRONOMINAL PLACEMENT

Abstract:

The main objective of this article is to discuss the difficulty that Brazilians have in learning traditional grammar (TG), precisely with regard to teaching mesoclitic pronominal placement. Mesocclisis is a type of pronominal placement little used in textual productions in general, being more reserved for classical literary works or speeches with a very formal tone. The use of mesocclisis is restricted to only the tenses of the indicative way, which are the future of the present and the future of the past tense. In no other time or mode can it be applied. Due to these particularities, the use of mesocclisis is more suitable for very formal constructions or

¹ Graduada em Letras. Centro Universitário Newton Paiva. Email: rcpenha26@gmail.com - ORCID do autor1: <https://orcid.org/0009-0002-0084-5719> <http://lattes.cnpq.br/6137873993593416>.

² Doutora em Estudos Linguísticos e Docente dos Cursos de Letras e Pedagogia do Centro Universitário Newton Paiva. Email: mirian.brandao@newtonpaiva.br.

literary texts with elaborate language. As a methodological resource, we opted for the bibliographical research of books, grammars and articles by researchers also interested in the subject in question. In order to elucidate the discussion, examples of mesoclysis in use found in literary texts by writer Graciliano Ramos and in the speeches of former presidents of Brazil Jânio Quadros and Michel Temer, when they were the nation's leaders, will be brought up. The conclusion of the work points to the fact that the communicative process of language users will not be harmed by the lack of knowledge of the rules of mesoclitic pronominal placement, since it is already considered an unnecessary search in language.

Keywords:

Language. Language. Pronominal placement. Traditional grammar.

MESÓCLISE: EL USO Y DESUSO DE ESTA UBICACION PRONOMINAL

Resumen:

El objetivo principal de este artículo es discutir la dificultad que tienen los brasileños para aprender la gramática tradicional (TG), precisamente en lo que respecta a la enseñanza de la colocación pronominal mesoclítica. La mesoclysis es un tipo de colocación pronominal poco utilizada en producciones textuales en general, siendo más reservada para obras literarias clásicas o discursos con un tono muy formal. El uso de la mesoclysis se restringe solo a los tiempos del modo indicativo, que son el futuro del presente y el futuro del tiempo pasado. En ningún otro momento o modo se puede aplicar. Debido a estas particularidades, el uso de la mesoclysis es más adecuado para construcciones muy formales o textos literarios con lenguaje elaborado. Como recurso metodológico, se optó por la búsqueda bibliográfica de libros, gramáticas y artículos de investigadores también interesados en el tema en cuestión. Para dilucidar la discusión, se plantearán ejemplos de mesoclysis en uso encontrados en textos literarios del escritor Graciliano Ramos y en los discursos de los ex presidentes de Brasil Jânio Quadros y Michel Temer, cuando eran líderes de la nación. La conclusión del trabajo apunta a que el proceso comunicativo de los usuarios del lenguaje no se verá perjudicado por el desconocimiento de las reglas de colocación pronominal mesoclítica, pues ya se considera una búsqueda innecesaria en el lenguaje.

Palabras clave:

Lenguaje. Lenguaje. Colocación pronominal. Gramática tradicional

Introdução

A dificuldade dos educandos brasileiros em aprender a língua materna se fortalece e fica bastante evidente quando se encontra na Academia Brasileira de Letras o livro, já em sua 7ª edição, publicado em 2008 pela própria ABL, intitulado Dificuldades da Língua Portuguesa, parte integrante da Coleção Antônio de Morais Silva – Estudos de Língua Portuguesa. Dentre tantos apontamentos, o livro trata nas páginas 23 a 61 da colocação dos pronomes pessoais regidos de infinitivo ou gerúndio e colocação dos pronomes pessoais

regidos de formas verbais finitas. Esta é apenas uma pequena observação, muito embora ele não trate especificamente do ponto de interesse que será desenvolvido neste trabalho, que é a colocação pronominal mesoclítica, importante para ressaltar a dificuldade da Língua Portuguesa brasileira reconhecida pela Academia.

A dificuldade aumenta quando os educadores, por vezes, ensinam essa matéria desvinculada de um contexto. É sabido que a colocação pronominal precisa dos verbos para acontecer e eles são tantos: verbos regulares, irregulares, defectivos, abundantes, da primeira, segunda, terceira conjugação, dos modos indicativo, subjuntivo, imperativo. Enfim, segundo os educadores é preciso ensiná-los para aumentar o conhecimento gramatical e a aplicação em textos formais e informais, mas há aplicabilidade desse aprendizado no dia a dia do estudante atualmente?

Para que seja possível discutir o assunto, é necessário primeiramente conceituar, comparar e compreender o que é língua e linguagem. A língua é um conjunto organizado de elementos – sons e gestos – que possibilitam a comunicação entre os seres de um grupo e por seu caráter social não permite mudanças arbitrárias, sendo, assim, necessário obedecer a certas normas a fim de que o agrupamento de palavras não se apresente sem nexos. A linguagem é uma capacidade considerada estritamente humana e se apresenta nas artes plásticas, na música e no teatro. É a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua, ou seja, a língua precisa ser clara para ser compreendida. Mas isso acontece quando se ouve ou lê um discurso com linguagem rebuscada? Usar a mesóclise facilita ou dificulta a compreensão dos leitores/ouvintes?

Dentre tantas regras gerais de colocação pronominal, aquela de nosso interesse é ensinada nas gramáticas tradicionais brasileiras como sendo a maneira de empregar corretamente os pronomes oblíquos átonos nas frases. Esses pronomes átonos são aqueles que desempenham função sintática de complemento: me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes nos e vós.

Quando os verbos terminarem em r, s ou z os pronomes o, os, a e as assumirão as formas – lo, -la,, -los e las.

De acordo com Cunha & Cintra (2008), em relação ao verbo, os pronomes oblíquos podem ser aplicados antes, no meio ou depois. Quando colocado antes teremos a Próclise - eu **me** calei, no meio teremos a mesóclise - calar-**me**-ei e depois teremos a ênclise – calei-**me**. Entretanto, regra geral, nenhuma dessas formas pode ser aplicada com o participio

desacompanhado de auxiliar, neste caso usa-se a forma oblíqua regida por preposição – **Dada a mim** a explicação, saiu.

A próclise será empregada nas seguintes condições:

- Com palavras negativas, não, nunca, jamais, ninguém, nada, de modo algum e outras, por exemplo: isso jamais **me** perturbou; ninguém **me** perturbou. Nas conjunções subordinativas: não é necessário **que o** leve agora; ele falou tudo errado **porque me** esqueci de trazer o roteiro.

- Com advérbios: **aqui se** aprende com qualidade;

- Com pronomes relativos, interrogativos indefinidos, demonstrativos e outros: Quem **lhe** contou isso? Todos **lhe** apoiaram depois durante a tragédia;

- Nas frases interrogativas diretas e indiretas: Diga-me quem **lhe** deu isso;

- Nas frases exclamativas e optativas: quem **me** dera!;

- Com gerúndio precedido da preposição em: Em **se** tratando de música, ele é o cara;

- Nas orações com inversão sintática: Forte **me** pareceu sua opinião;

- A ênclise será empregada: 1- com verbo no infinitivo: deve **lembrar-se** de hoje, 2 com verbo no início da frase: **Deixe-me** ver isto, 3- com verbo no gerúndio: saiu machucado, **deixando-nos** preocupados e, 4- com verbos no imperativo: Galera, calem-se!

Por fim, tem-se a mesóclise que ainda, segundo Cunha e & Cintra (2008, p.424), apenas poderá ocorrer no modo indicativo do futuro do presente: **compra-los-ei** quando estiverem em promoção ou no futuro do pretérito: **compra-los-ia** se tivesse mais espaço para guardar, porém, desde que não se justifique a próclise.

Diante da exposição acima e iniciando a problematização que move a discussão deste artigo, é oportuno citar SILVA (2016), em sua obra *Tradição gramatical e gramática tradicional* que diz que esses padrões de uso reforçam o “dialeto da elite” e que seu ensino, faz silenciar os demais usos.

Na mesma esteira de pensamento, Gabriel de Ávila Othero, em *Mitos de Linguagem*, explica que a língua descrita pelas gramáticas normativas é inatingível. Que ela é “mais idealista que realista mais lusitana que brasileira mais antiga do que contemporânea e mais prestigiada do que deveria”.

A motivação desta pesquisa veio durante a leitura do livro de Bagno (2006), *A língua de Eulália* - uma novela sociolinguística onde os diálogos em sua maioria ocorrem entre

Irene, uma professora de Língua Portuguesa e Linguística, e a sua sobrinha Vera, graduanda em Letras e mais duas amigas de faculdade, Silvia e Emilia, graduandas em psicologia e pedagogia, respectivamente.

Do capítulo Verbo, Pra Que Te Quero, destinado à necessidade de uma revisão e simplificação das conjugações verbais por serem certos pronomes considerados jurássicos, surgiu o interesse em buscar a história da mesóclise, que, conforme já explicado anteriormente, apenas pode ocorrer em casos e tempos bastante determinados. O intuito é discutir se a sua não aplicação em um discurso formal ou oral interferiria ou dificultaria a compreensão do ouvinte ou leitor.

Assim, o objetivo principal deste artigo é arrolar uma discussão que dialogue com outros pesquisadores também interessados em analisar a gramática tradicional (GT). Refletir sobre o porquê das escolas ainda precisarem ensinar conteúdos que geram críticas quando usados no cotidiano frenético que se vive hoje em dia, além de enfatizar que o desconhecimento da regra, por parte de qualquer cidadão, não interfere na sua comunicação social. Para alcançar os objetivos propostos, foram realizadas análises de fragmentos textuais da obra *Infância* de Graciliano Ramos e de discursos dos ex-presidentes do Brasil, Jânio Quadros e Michel Temer.

O Brasil é um país multilíngue desde seu descobrimento, com dialetos de inúmeras tribos indígenas, com os negros trazidos da África que precisou ajustar-se a uma nova vida e costumes. Atualmente, tem-se o portunhol falado por moradores da fronteira, cidades paulistas e gaúchas com enorme concentração de japoneses e alemães que adaptam à português brasileiro expressões de suas nacionalidades. Os vários contextos e situações (tempo e espaço) em que a língua é utilizada fazem dela algo vivo, dinâmico e engenhoso. “Já dizia o poeta Gilberto de Mendonça “...no início era densa, de tão clássica. Com o tempo... incorporando os termos nativos e amolecendo nas folhas de bananeira as expressões mais sisudas.”

Para Bagno (2006), as mudanças na língua são inevitáveis, elas acompanham as transformações da sociedade. Vale ressaltar que a transformação é praticamente diária, geográfica e econômica, pessoas que vivem na zona rural têm quase que uma língua própria, diferente de um morador com pouca ou nenhuma escolaridade ainda que residente na cidade grande. Pessoas que permaneceram mais tempo na escola adquirem um vocabulário maior.

Também é importante considerar as diferentes formas de falar, ou seja, as variações linguísticas. Moradores da região sul do país, por exemplo, tem um linguajar diferente daqueles que nasceram na região nordeste.

A língua é, portanto, moldada pelos falantes, o seu processo de adequação vem desde o início dos tempos. A forma como ela é transmitida (linguagem) foi durante muito tempo motivo de segregação. O falar difícil era sinônimo status, de elite, de poder sobre os menos favorecidos e analfabetos. Para Bakhtin (1986, p.113) a linguagem é uma ponte que liga um ser humano a outro, sendo o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. Nos dias atuais, as escolas buscam trabalhar a compreensão do que foi dito ou lido com o intuito de diminuir o número de analfabetos funcionais existentes no país com a premissa de que a linguagem escrita ou falada não precisa ser considerada certa ou errada, mas sim, perceber se a informação passada aos ouvintes ou leitores foi compreendida e alcançou seu objetivo. Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre o porquê da permanência do ensino, nas insituições, da forma pronominal mesoclítica.

Conhecendo um pouco mais da história e como acontece a formação da mesóclise, pode-se dizer que ela teve origem no latim vulgar (latim falado pelo povo) e passou para a construção do futuro analítico (formado por mais de uma palavra), verbo principal no infinitivo + verbo auxiliar *avere (habere no latim clássico), no presente do indicativo. Por se tratar de uma forma composta, era possível colocar o pronome entre dois verbos, ex: *amare illum *habeo* (* verbo auxiliar do português arcaico-sec.XIX). Com a evolução da história e, conseqüentemente, da língua, o verbo auxiliar *avere foi assimilado ao verbo principal, porém a possibilidade de formar o pronome mesoclítico permaneceu ex: amá-lo-ei. Caminhando na evolução da história, no século XXI, encontramos na língua escrita e falada: amarei / irei amá-lo/ vou amar. A mudança ou evolução gramatical é um fato. Ferdinand de Saussure, já em 1916, ensinava isso em seu livro Curso de linguística geral.

Dessa forma, a mesóclise não pode acontecer em todos os tempos verbais, quais sejam: do modo indicativo (presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito simples, pretérito mais-que-perfeito composto); do modo subjuntivo (presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro simples, futuro composto); do modo imperativo (afirmativo e negativo) deve usar a ênclise ou próclise. Isso significa que dos 18 (dezoito) tempos verbais indicados na GT

e usados para se conjugar um verbo reflexivo, em apenas 4 (quatro) deles deve ser usada a mesóclise, o que corresponde a de 22%. Nos demais 78% dos tempos verbais do português brasileiro (PB) exige-se a ênclise ou próclise. A gramática de Cunha Cintra (2008) deixa bem clara essas discrepâncias. Os tempos verbais são recursos extremamente necessários que ajudam o interlocutor a indicar se algo já ocorreu, ocorre ou ainda vai ocorrer. Mas, se a mesóclise, não pode ser usada com a maioria deles, e mesmo quando puder ainda há possibilidade de se usar a próclise, ou seja, se alguém disser: eu me calarei ao invés de disser calar-me-ei ou eu discurso será compreendido, respondendo assim a pergunta feita que usar a mesóclise até dificulta a compreensão dos leitores/ouvintes.

Metodologia

Serão apresentadas ocorrências do uso de mesóclise nos excertos abaixo. A primeira ocorrência é um fragmento do romance autobiográfico *Infância* de Graciliano Ramos, publicado em 1945. Os excertos 2 e 3 são capítulos da Bíblia Sagrada, considerada uma fonte de matéria para estudo da língua. Já os excertos 4 e 5 são de discursos do ex-presidente da República Jânio Quadros, na década de 1960, amante da mesóclise e da língua portuguesa. Por fim, os excertos 6 a 8 são de discursos do ex-presidente, nos anos 2000, Michel Temer.

EXCERTO 1

“Poder ser alguém em uma sociedade, para muitas pessoas sempre esteve ligado ao fato de ter conhecimento da letra, ser letrado. O pai tinha consciência da importância do poder que tinha a escrita, pois, em sua concepção, um homem letrado era um homem ‘sabido’ que possuía armas terríveis, as letras. No entanto, o sujeito aprende a ler, mas não adquire, muitas vezes, a capacidade de fazer uso da escrita. Como aconteceu com o menino: Certamente meu pai usara um horrível embuste naquela maldita manhã, inculcando-me a excelência do papel impresso. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: ‘A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: **ter-te-ão** por alguém. Esse ter-te-ão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página inicial da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai’”. (grifo nosso)

Fonte: *Infância* de Graciliano Ramos, 1945.

Embora Graciliano fosse adepto ao uso da mesóclise, ele não foi criticado por preferir essa forma de se expressar. Da mesma forma, deve-se ter em mente que o livro foi publicado em 1945.

EXCERTO 2

“**Portar-me-ei** com inteligência no caminho reto” (SL.22:22) (grifo nosso)
Fonte: Bíblia Sagrada

EXCERTO 3

“**Ensinar-vos-ei** acerca da mão de Deus, e não vos encobrirei o que está com o Todo Poderoso”. (Jó 27:11) (grifo nosso)
Fonte: Bíblia Sagrada

Considerada como um livro sagrado ou uma grande obra de ficção, a Bíblia Sagrada é uma fonte de exemplos do uso da mesóclise, ela continua sendo material para estudos da Língua Portuguesa brasileira, por possuir muitas metáforas e um estilo perfeito.

EXCERTO 4

“Bebo porque é líquido, se fosse sólido **comê-lo-ia**”. (grifo nosso)
Fonte: (G1, 2016)

EXCERTO 5

“**Ter-me-iam** bastado um cabo e dois soldados para fechar o Congresso”.
(grifo nosso)
Fonte: (G1, 2016)

Jânio Quadros, que na juventude fora professor, usava a mesóclise nos contextos certos, mas se tornou alvo de caricaturistas da época. Sinais de mudanças já ocorriam na sociedade

EXCERTO 6

“**Confiar-lhe-a** a condição dos destinos da política econômica do Brasil”.
(grifo nosso)

2016)

Fonte: (G1,

EXCERTO 7

“O Bolsa Família, o Pronatec, o Fies, o Prouni, o Minha Casa Minha Vida, entre outros, são projetos que deram certo, e, portanto, terão sua gestão aprimorada. [...] Mas eu quero fazer uma observação. É que nenhuma dessas reformas alterará os direitos adquiridos pelos cidadãos brasileiros. Como menos fosse **sê-lo-ia** pela minha formação democrática e pela minha formação jurídica”.

(grifo nosso)

Fonte: (Uol notícias 2016)

EXERTO 8

"Eu sei o que fazer no governo e saberei como conduzir. Se perceber que houve equívoco na condução do governo reverei essa posição, **consertá-lo-ei**". (grifo nosso)

Fonte: (G1, 2016)

Por ser adepto ao uso da mesóclise, mas não tendo tanto rigor de estilo, os discursos do ex-presidente Temer foram considerados instrumentos de exclusão. No seu discurso de posse, Temer falou por cerca de 30 minutos e entre o uso de um português não tão rigoroso, falou para brasileiros que espera-se tenham compreendido o ele quis transmitir. Em uma entrevista ao jornal Metro1, em 05 de outubro de 2016, Temer esclarece que a mesóclise é algo que economiza palavras.

De acordo com o IBGE, em 2015, cerca de 6,5% da população brasileira era analfabeta, ou seja, a maioria dos brasileiros compreendeu o que Michel Temer falou. Diante do percentual apresentado, é factível discordar dos que dizem que ele fala para poucos, por fazer uso do latim e gostar da mesóclise.

Mário Sergio Cortella, filósofo, escritor e educador, Leandro Karnal, historiador e professor fazem uso de expressões em latim -língua considerada morta – entretanto a que se observar que o Vaticano tem o latim como idioma oficial - e nem por isso são criticados com tanta veemência, pelo contrário, estão cada vez mais em evidência, principalmente nas mídias sociais. Diante disso, a que se considerarem as críticas a Michel Temer por seu apreço ao uso da mesóclise.

Resultados e Discussões

Partindo dos pressupostos teóricos de Vygotsky (2000) de que o aprendizado geralmente precede o desenvolvimento, pode-se dizer que o ensino da gramática na escola é importante. Para o autor, a criança já detém o domínio da língua materna muito antes de ir para a escola, mas esse domínio não é consciente, porque não obedece a sistematização. Nessa mesma esteira de pensamento, Possenti (1996, 32) argumenta que:

No dia em que as escolas se dessem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução. Revolução que seria social, não só escolar.

De acordo com as palavras do autor, ensinar a gramática da língua padrão é importante, mas é também preciso desprender de certas tradições gramaticais que ainda permanecem nos materiais didáticos, como o ensino da mesóclise nos estudos de colocação pronominal, por exemplo. A escola não pode mais ser vista como um modelo de educação bancária, onde, segundo Paulo Freire, esse modelo fez e faz do professor o detentor de todo o conhecimento e do aluno apenas um receptor de informações, um modelo onde não há troca. Para ele, o ensino precisa ser libertador, a escola precisa formar cidadãos críticos e capazes de entender a realidade a sua volta podendo assim participar de suas reformas.

Um exemplo de educação problematizadora, defendida por Paulo Freire é o presente artigo, que busca provocar discussões sobre a necessidade de reformas em certos conteúdos didáticos, no caso o ensino da mesóclise. Regras e normas são necessárias à sociedade uma vez que proporcionam o convívio entre os cidadãos. O mesmo ocorre na língua, que sem regras e normas faz de um texto ou um discurso algo sem coerência e sem coesão, é preciso ensiná-las, porém dentro do contexto atual, para não se perderem no tempo e se tornarem obsoletas e desprezadas.

Considerações finais

Para concluir, ressalta-se que educar significa formar cidadãos conscientes de seus direitos e críticos sobre o que lhes é apresentado e o contexto ao qual estão inseridos, buscando diminuir a distância entre uma sociedade cada vez mais segregada.

A colocação pronominal, e outros tantos temas como O infinitivo pessoal, verbos sem sujeito, o pronome “se”, tratados na obra de M.Said. Ali, precisam receber uma nova abordagem. As crianças e jovens do século XXI possuem uma bagagem enorme de informação dada a globalização e a rapidez na transmissão de dados. Desse modo, não apenas a escola precisa se adaptar, se adequar as novas realidades, mas também os livros didáticos. É preciso trabalhar com assuntos que cativem crianças e jovens para evitar a continuidade da evasão escolar.

Os pontos abordados neste artigo mostraram que a comunicação, seja ela em qualquer forma de linguagem, não ficará prejudicada pela ausência da mesóclise, uma vez que ela apenas poderá ser usada com futuro do presente simples, futuro do presente composto, futuro do pretérito simples e com o futuro do pretérito composto.

Séculos de histórias nos mostram o quanto a língua é mutável. Assim, o uso da mesóclise em frases como: vóis me cê dar-me-ia a honra desta dança? Já cedeu lugar para vc quer dançar comigo? ou cê dança comigo?, como foi demonstrado neste trabalho, já se tornou desnecessário. Porém, vale ressaltar que a discussão aqui apresentada não busca apresentar uma verdade absoluta nem hostilizar a figura da escola, mas evidenciar que essa instituição, por estar inserida na sociedade, deve acompanhar os processos de transformação, por isso, a perspectiva de engajamento, de reflexão sobre o ensino da colocação pronominal mesoclítica.

Referências:

BAGNO, MARCOS. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 215 p.

BÍBLIA, A.T. Salmos. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo testamento**. São Paulo: Canção Nova p.1563

CUNHA, C; CINTRA, L; **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon. 9-18;290-381.p.

M. SAID ALI, **Dificuldades da língua portuguesa**. 7. ed. – Rio de Janeiro: ABL : Biblioteca Nacional, 2008. 260 p. ; 21 cm. (Coleção Antônio de Morais Silva, v. 7) ISBN 978-85-7440-110-2

POSSENTI, SÍRIO. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, ALB, Mercado das Letras, 1996.

ROLIM, MARCELO. **Escrever bem que mal tem**. 1. ed. São Paulo: Perfil, 2019. 120.p.

SAUSSURE, FERDINAND DE. **Curso de linguística**. 25ª edição. São Paulo, editora Cutrix, 1999.

SCHEI, A. **A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea**. 2 ed. rev. São Paulo: Humanitas/USP, 2003

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fonseca, 2000.

